

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Vida religiosa no século XX: monjas beneditinas no Paraná (1964-1999)

Wilma de Lara Bueno*

Resumo: A documentação referente ao mosteiro beneditino feminino, instalado no Paraná em meados do século XX, revelou o seu papel na história da Igreja da América Latina, bem como possibilitou conhecer as mudanças e permanências das práticas religiosas relacionadas à vida monástica, cuja origem remonta à Idade Média. No estudo do conjunto de atividades que integra o cotidiano religioso foi possível refletir acerca das concepções do sagrado que norteiam esse modelo de organização e lhe atribuem significado. Os resultados parciais da pesquisa contribuíram, sobremaneira, para situar o lugar que a religião vem ocupando no contexto das relações sociais no mundo contemporâneo e as estratégias utilizadas pelas religiosas para corresponder a uma vida virtuosa, em consonância com as exigências do tempo presente.

Palavras Chave: mulheres, igreja, vida religiosa

Abstract: Religious life in the twentieth century: Benedictine nuns in Paraná (1964-1999)

The documentation concerning the female benedictine monastery, settled in Paraná in the middle of the 20 th century, revealed its role in the history of the Church in Latin America, as well as it made possible to know about the changes and permanence of the religious practices related to monastic life, whose origin dates from the Middle Ages. Through the study in all activities that integrate the religious everyday, it was possible a reflection about the conceptions of sacredness which guide this model of organization and attribute meaning to it. The partial results of the research contributed, greatly, to stablish the place that religion is filling in the context of the social relations in the contemporary wold and the strategies used by the nuns to correspond with a virtuous life, according to the present time demands.

Keyword: women, church, religious life.

As monjas beneditinas do Mosteiro do Encontro, situado em Mandirituba no Paraná, pertencem à Congregação Rainha dos Apóstolos, com sede localizada na Bélgica. Esse mosteiro e sua filial, situada no estado do Amazonas, representam as únicas unidades existentes no Brasil, ainda que outras organizações femininas, representando as diversas congregações beneditinas, se distribuam entre os vários estados brasileiros. As monjas do Mosteiro do Encontro fixaram-se no território brasileiro no início do ano de 1964, mas em uma sede anterior, situada na periferia de Curitiba, no bairro do Pinheirinho. No decorrer de aproximadamente, quarenta anos, a região se tornou densamente povoada, inviabilizando a

* Professora de História na Universidade Tuiuti do Paraná. Doutoranda em História na UFPR.

solidão e o silêncio exigidos pela vida contemplativa, o que as levou a mudar para a atual localização.

A vinda das primeiras beneditinas dessa congregação ao Brasil, inscreve-se no contexto mundial da guerra fria e da realização do Concílio Vaticano II. Considera-se que esse período foi marcado por transformações em várias dimensões da vida social, com repercussões político-econômicas, à medida que se consolidaram os modelos econômicos que direcionaram a ordem mundial até o final dos anos 80.

O historiador Eric Hobsbawm discute o significado do pós-guerra, marcado pela sofisticada tecnologia, cujo testemunho mais evidente se configurou no uso da bomba atômica e no alcance de seus efeitos devastadores. Ele enumera as múltiplas mudanças, em que as inovações técnicas alteravam o cotidiano das sociedades industrializadas. Esse tempo foi marcado pelas alterações nas relações familiares, pela intensa criação de universidades e consequentemente, pelo o acesso de um grande número de pessoas ao ensino superior; assistiu-se a invenção da pílula anticoncepcional, a adesão ao divórcio, a internacionalização de hábitos procedentes do uso da mídia que idealizava um modelo de viver com base na indústria cultural americana. A vida campesina praticamente desapareceu e cresceram as cidades em número de habitantes com a instalação de novas indústrias que atraíam pessoas de todos os lugares.

O contexto dessas sucessivas transformações, a consolidação da nova ordem mundial, simbolicamente, marcada pela construção do muro de Berlim, o processo de descolonização dos povos, a “ascensão de nacionalismos orientais em busca de base cultural (...) a laboriosa formação de uma força neutralista constituída por um Terceiro Mundo que procurava ultrapassar o confronto das grandes potências e das ideologias” exigiram também uma constante vigilância das instituições eclesiásticas (AUBERT; HAJJAR, 1976:72).

A instalação dessa nova ordem mundial era vista com muitas reservas e exigia dos clérigos um intenso empenho no sentido de combater as influências do comunismo e da crescente descristianização. O esvaziamento dos costumes com o questionamento dos valores tradicionalmente emanados da vida familiar e o crescimento da vida urbana preocupava as autoridades eclesiásticas acerca do lugar da Igreja na manutenção da ordem social.

Nesse sentido, o Concílio Vaticano II, reunido entre os anos de 1962-1965, significou a retomada do papel da Igreja no mundo, no sentido de revitalizar suas forças e

revigorar suas bases tradicionais, atualizando suas práticas para responder ao apelo das massas e aos desafios contemporâneos:

No momento histórico em que vivemos, a sociedade parece entrar numa nova ordem. Devemos estar prontos para reconhecer os misteriosos desígnios da Providência, que juntamente com todos os seres humanos, leva-nos a alcançar objetivos que ultrapassam nossas próprias expectativas e tudo dispõem para o bem da Igreja, inclusive as dificuldades que atravessamos (...) Basta considerar que a sociedade está de tal maneira envolvida com suas questões políticas e econômicas, que nem mais liga para as questões espirituais, de que se ocupa o Magistério da Igreja (CONCILIO VATICANO II, 1976: 72).

As propostas do Concílio Vaticano II representaram a incorporação de um conjunto de práticas procedentes tanto das políticas de atuação das autoridades sediadas no Vaticano, bem como das paróquias e comunidades religiosas as quais se organizavam em movimentos para combater os excessos da secularização dos costumes. Já nos anos 50, assistia-se a um movimento de renovação das congregações com o intuito de que elas se mostrassem mais autênticas, retomando suas origens, bem como de se ajustarem aos sinais da modernidade, revisando seu apostolado, no sentido de abandonar práticas obsoletas que desestimulavam a adesão de novas vocações.

A renovação dos conventos, das congregações e das ordens religiosas apoiava-se também nas críticas que mostravam a necessidade de se retomar os ideais fundadores, uma vez que ao longo do tempo elas haviam se tornado como:

(...) 'algo entre o museu medieval e a fazenda rústica, entre o asilo e o pensionato', e [que fustigava] aqueles que deveriam ser 'cães de guarda sempre prontos a morder para trazer o rebanho novamente ao caminho' e que se transformavam em 'gordos gatos domésticos miando melancolicamente para a lembrança do passado (AUBERT; HAJJAR, 1976: 145).

As críticas eram, na maioria das vezes, endereçadas às religiosas consideradas mais administradoras dos conventos do que porta-vozes das virtudes evangélicas: pobreza, castidade e caridade.

O papa Pio XII (1939-1958) incentivou a formação e atualização desse modelo de vida, redigindo documentos, apoiando iniciativas que promoviam a realização de congressos a fim de se repensar os vários aspectos, desde a formação dos jovens, escolas de apostolados, vida comunitária à participação missionária. Merece destaque a promulgação de medidas legislativas, dentre as quais se destaca a constituição apostólica *Sponsa Christi*, de 22 de novembro de 1950, com a finalidade de ajustar as práticas religiosas às exigências do

apostolado contemporâneo. Nesse documento, o papa, entre outras determinações, recomendava aos mosteiros que deveriam reagir contra o isolacionismo, constituindo federações que favoreceriam a cooperação entre eles; recomendava ainda dar maior importância ao trabalho como uma maneira de obter a autonomia e a subsistência, reafirmando, por fim, a vocação monástica como plena e inteiramente apostólica.

Essas medidas eram apresentadas no sentido de se redefinirem os princípios fundamentais da vida religiosa, por exemplo, a criação da federação dos mosteiros femininos, até então sob a responsabilidade dos bispos ou de um superior “sem vínculo orgânico entre os mosteiros de uma mesma ordem; a fusão de congregações pequenas ou muito semelhantes; a coordenação apostólica dos religiosos ou religiosas que exerciam apostolados análogos (hospitalar, escolar, paroquial, etc.), graças especialmente à realização de congressos internacionais, uniões nacionais de superiores e superiores” (AUBERT; HAJJAR, 1976:146), entre outras.

Para além do centro de irradiação do Vaticano, já há algum tempo, uma série de inovações também vinha se processando na vida cristã, em suas diversas formas de expressão, promovida pelos grupos e comunidades que buscavam uma renovação na liturgia, pela organização do apostolado leigo, pela adesão dos padres aos movimentos operários, pelos movimentos da juventude cristã, por novas formas de devoções, o que exigia uma retomada do lugar da Igreja e da religiosidade na vida social. Os testemunhos mostravam um movimento contra a descristianização das camadas populares bem como uma possibilidade de santificação nos diferentes papéis que os cristãos assumiam no mundo social.

Dessa forma, as aspirações do Concílio contaram com o empenho de representantes de igrejas que defendiam a necessidade de se buscar a unidade do povo cristão e de expandir o número de fiéis para outros lugares, particularmente o Continente Americano. Nessa perspectiva, a busca do sentido da vida cristã, em meio às complexidades do século XX, trazia uma retomada da evangelização, definindo também o lugar dos mosteiros como uma possibilidade de fortalecimento eclesial.

Assim, a vinda das monjas beneditinas ao Paraná ocorreu como desdobramento da realização do Concílio Vaticano II, em cumprimento ao apelo do Papa João XXIII de evangelização da América Latina e da fundação de unidades monásticas contemplativas: Conforme afirmam as fontes: “*Survient le concile Vatican II. Un vent nouveau souffle sur l'Eglise. Jean XXIII lance un appel en faveur de l'Amérique Latine. La congregation de Mère- Chantal lui demande d'aller fonder un monastère au Brésil. Accompagnée de deux autres soeurs, elle vient à Curitiba em 1964*” (TURBERG, s.d.: 130).

Qual seria então o significado da vinda das monjas beneditinas da Congregação Rainha dos Apóstolos para o Brasil e particularmente, para o Paraná? Qual a relação que o modelo de vida monástico representou para a unidade e fortalecimento da Igreja Católica naquele contexto? Como, efetivamente, se daria a evangelização na América Latina, considerando-se as particularidades da vida conventual? Em que perspectiva o Brasil representou um empreendimento possível para a fundação de uma nova unidade da Congregação Rainha dos Apóstolos?

A criação de um mosteiro no Paraná ocorreu mediante a autorização da Presidente da Congregação, em sessão especial do Capítulo, realizado no Mosteiro de Bethânia, em Loppen, na Bélgica, que decidiu sobre o estabelecimento de uma nova comunidade a ser construída no Paraná, para onde foram deslocadas as monjas fundadoras.

O modelo de vida que se formou no interior da primeira construção monástica feminina e a história das monjas beneditinas podem ser recuperados, consultando-se diferentes fontes, entre as quais se destacam os Anais do Mosteiro do Encontro. Os registros nesses Anais oferecem referências sobre a dinâmica dos primeiros tempos de fixação em terras paranaenses. Mostram as iniciativas das fundadoras, desde a compra do terreno, construção da moradia, organização da biblioteca, instalação do sino, levantamento das cercas, que infelizmente tiveram que construir, a fim de se prevenir das constantes depredações que já se manifestavam naquela ocasião. Expressam comentários acerca dos brasileiros, seus costumes e suas práticas sociais, registrando-se um profundo reconhecimento pela hospitalidade e cordialidade das pessoas. Elas afirmaram que sendo européias confundiam cultura com instrução, descrevendo que os habitantes de Curitiba, não sabiam nem ler nem escrever, mas que ofereciam a elas lições de sabedoria e vivência da verdadeira caridade. Para elas, o povo brasileiro mostrava-se portador de uma riqueza extraordinária. E afirmavam que com o êxodo rural, uma grande parte desta riqueza se perdia nos cinturões da miséria das grandes cidades, pois o mosteiro foi construído próximo a uma favela superpovoadas.

A documentação revela que a vida no monastério seguiu um programa disciplinar em que os trabalhos eram cuidadosamente distribuídos entre as integrantes da casa, muitas vezes em número bastante reduzido, no início da experiência no Brasil. Aderir ao modelo beneditino significava trabalhar pela auto-suficiência da unidade, produzindo bens de acordo com os talentos e com os recursos existentes nos locais de fixação, fazendo da estabilidade uma meta a ser alcançada. A Regra de São Bento afirmava que para ser verdadeiramente monge, era preciso viver do trabalho das próprias mãos. Para isso, o fundador fixou com

precisão as horas em que os monges deveriam dedicar à leitura divina e aos trabalhos necessários: “Ninguém será dispensado do serviço da cozinha, senão por motivo de doença, ou caso esteja ocupado em outro trabalho de grande utilidade. É nesse serviço, com efeito, que se ganha uma maior recompensa e se adquire mais caridade” (REGRA DE SÃO BENTO, 1999). Os serviços correspondiam à manutenção da casa, às atividades de preparação da liturgia e evangelização, à gestão e administração dos compromissos, bem como à produção de um tipo de trabalho – agricultura, criação, culinária, artesanato, arte, pesquisa intelectual, redação de artigos e livros, traduções, entre outros.

A construção da moradia – de madeira e tijolo, no meio de um grande bosque – contou com o trabalho de arquiteto para traduzir em obras as idéias de simplicidade e pobreza evangélicas que as monjas faziam questão de considerar, levando-se em conta o lugar onde a sede se localizava: na periferia de Curitiba, circundada por vilas destinadas a migrantes que progressivamente se estabeleceram no Paraná em meados dos anos 60, quando ocorreu a industrialização do campo e a conseqüente expropriação rural das populações camponesas. Essa realidade, bem como a pobreza que de maneira geral imperava no Brasil, foram constantemente relatadas nos Anais das monjas aos seus superiores: “*Les collines en face du monastère commencent à se peupler de gens venus de l'intérieur. Les batisses parissent surgir de plus en plus et sont terminées en 3 ou 4 jours*” (ANAI, 1965:8).

A opção pela simplicidade e pelos pobres insere-se no contexto renovador da Igreja, a partir das determinações do Concílio Vaticano II, dos compromissos firmados pelas encíclicas papais. As questões político-econômicas, no contexto da guerra-fria, da revolução socialista de Cuba e a eclosão de movimentos latino-americanos apresentaram desafios à atuação da Igreja. Um deles dizia respeito à especificidade do povo latino-americano e sua história de exclusão por conta da dominação estrangeira e a necessidade de se recuperar o seu papel como sujeito da história; outro dos movimentos organizados para a superação do capitalismo excludente, impondo as possibilidades através da revolução armada:

(...) o terceiro se refere ao próprio 'modelo' de Igreja, ou seja o modo de entender a função da Igreja na sociedade política e civil. O modelo de cristandade, que se apoiava no Estado para realizar as suas atividades (educação religiosa nas escolas do Estado, capelães militares, subvenções para templos, etc.) entra em crise, abrindo caminho para a igreja dos pobres. Trata-se, como pensa o CELAM (1963-1972) de irradiar o testemunho cristão diretamente ao povo, ao pobre. O 'pobre' se transforma no lugar de todas as opções, discussões e ações. A 'Teologia da libertação' (TL) – reflexão de uma geração inteira de teólogos latino-americanos que não se deve atribuir a pessoas – chega a formular esta opção histórica pelo pobre que transforma a Igreja em 'Igreja dos pobres' e que entrega ao povo, como sujeito protagonista histórico, a responsabilidade de sua própria evangelização: a 'Igreja servidora' da libertação do povo dos pobres, no espírito de João XXIII (DUSSEL, 1989:43-44).

Nesta perspectiva, a vinda das monjas correspondeu aos desafios lançados pelo Concílio Vaticano II, particularmente o de evangelizar os povos pobres latino-americanos. Efetivamente, o lugar e o modelo de vida que elas sustentaram transpareciam essa escolha: as acomodações tais como casa, clausura, ermitério, capela, atelier e hospedaria eram de madeiras rústicas, sem luxo, continham o estritamente necessário e foram construídas lentamente, ao longo dos três primeiros anos.

No transcorrer dos anos, o trabalho na casa, atelier e hotelaria, o atendimento às visitas, a preparação da liturgia e a catequese ocuparam o maior tempo das irmãs, exigindo constante revisão na escala de organização a rotina de atividades. Os relatos nos Anais indicam a importância que as visitas particularmente, dos representantes da Igreja ocuparam no transcorrer do estabelecimento das religiosas na região: religiosas, religiosos, entre sacerdotes, bispos, priores e demais autoridades eclesiais estiveram com elas trazendo notícias da Igreja, em seus diferentes setores e dimensões. No colóquio com os representantes da Igreja as beneditinas entravam em contato com as temáticas variadas, em especial as que se referiam ao Brasil e América Latina, em termos de evangelização, vida comunitária, exigências da Igreja, troca de experiências o que contribuiu para fortalecer a vida monástica nos fundamentos eclesiais.

Durante os primeiros anos, freqüentemente, o arcebispo de Curitiba, Dom Manuel da Silveira D'Elboux visitava o mosteiro, auxiliando no andamento da vida monástica, dividindo suas preocupações com a comunidade eclesial. E assim, o desenrolar da vida monástica revelou a acentuada presença da Igreja no local, demonstrando a natureza dos procedimentos hierárquicos que caracterizam esse tipo de organização, confirmando o papel das mulheres religiosas em sua missão no Brasil: contribuir para a evangelização da América Latina, difundindo a fé católica, mantendo-se para isso, um constante colóquio com os representantes e autoridades da Igreja. Nessa perspectiva, o Mosteiro do Encontro corresponde ao seu papel de servir como ponto de diálogo, particularmente entre os integrantes da Igreja. Ou seja, a análise dos relatos revelou que o mosteiro constituiu uma unidade religiosa dinâmica, atenta às solicitações da Igreja, integrando pessoas que, por suas escolhas, gestos e exemplos manifestam ao mundo a mensagem cristã. Isto quer dizer, que elas não necessitavam se deslocar em busca da evangelização: o mosteiro representava pelo seu estilo e modelo de acolhimento e, nesse sentido, tornava-se transmissor dos preceitos cristãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANAIS DO MOSTEIRO DO ENCONTRO. Curitiba: Mosteiro do Encontro, 1965.

AUBERT, R.; HAJJAR, J.. **Nova história da Igreja**: a Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno III. Petrópolis / Rio de Janeiro: Vozes, 1976, p. 72.

CONCÍLIO VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 30.

DUSSEL, Enrique. **História da Igreja Latino-americana** (1930-1985). São Paulo: Paulus, 1989, p. 43-44.

HOBBSBAWM, Eric. **A era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PIO XII. **Legislação para as monjas**: constituição apostólica Sponsa Christi. Petrópolis: Vozes, 1958.

REGRA DE SÃO BENTO. Juiz de Fora: Mosteiro da Santa Cruz, 1999.

TURBERG, Michel; GAUTHIER, Bernard Claude. **Amérique du Sud**: helvétiques tropiques. [s.d.].